

REPÚBLICA PORTUGUESA

IMPrensa NACIONAL DE LISBOA

RELATÓRIO

DA VISITA À

Fábrica de Papel  
da Abelheira

POR

HENRIQUE FERNANDO DE OLIVEIRA CORREIA

Aprendiz do 4.º ano da Escola Tipográfica

PUBLICAÇÃO NOS TERMOS DO ARTIGO 313.º, § ÚNICO,  
DO REGULAMENTO GERAL

VIII



LISBOA

IMPrensa NACIONAL

1914

IMPrensa  
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

BIBLIOTECA DA IMPRENSA NACIONAL

ef.º

81

Est. 3 Sec. 2 .ª

Prat. A .ª Div. 2 .ª Plano 2 .º

Reg. de entrada: N.º (19 )

1768 1923



EX LIBRIS  
DA BIBLIOTECA DA  
IMPRESA  
NACIONAL  
DE LISBOA

N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA - NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

REPÚBLICA PORTUGUESA

IMPRESA NACIONAL DE LISBOA

# RELATÓRIO

DA VISITA À

# Fábrica de Papel da Abelheira

POR

HENRIQUE FERNANDO DE OLIVEIRA CORREIA

Aprendiz do 4.º ano da Escola Tipográfica

PUBLICAÇÃO NOS TERMOS DO ARTIGO 313.º, § ÚNICO,  
DO REGULAMENTO GERAL

  
VIII  




LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1914

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# VISITA

À

## Fábrica de Papel da Abelheira

---

Mais uma visita de estudo se realizou no dia 30 de Dezembro de 1913, mas esta, pelo encanto que a revestiu, ultrapassou toda a expectativa.

O estabelecimento a que coube a vez foi a Fábrica de Papel da Abelheira, em S. Julião do Tojal, entre Loures e Bucelas, cujo director, Mr. Dartfort, querendo encetar a série de inúmeras gentilezas que teve para connosco, pôs à disposição da Direcção Geral da Imprensa Nacional quatro automóveis, dois dêles de tipo *Omnibus*, destinados aos aprendizes das escolas profissionais e diversas oficinas, e outros dois aos funcionários que os acompanhavam. A visita, que, indubitavelmente, foi a mais bela das que até hoje se tem efectuado, tendo a honrá-la e a dar-lhe extraordinário realce a presença de S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro do Interior, foi iniciada por uma esplêndida excursão através dêsse alegre trecho campesino que medeia entre o Lumiar e S. Julião do Tojal.

¿ Que dizer dessa digressão duma hora numa marcha veloz pelas estradas que ligam aquelas duas ridentes povoações, se foram tantas as emoções sentidas e simultâneamente agradabilíssimas as impressões que recebemos?!

Deixando-se o Lumiar, perante os olhos maravilhados do passeante perpassam, como num *film* projectado num *écran* gigantesco, as mais interessantes scenas da vida rural e os mais soberbos panoramas dos arredores de Lisboa : ora nos aparece um trecho de serrania, com os seus rochedos escarpados, que se vão esbater lá ao longe, como num derradeiro adeus ; ora, súbitamente, surge a campina com as suas hortas exuberantes de vida e frescor, os olivais que as últimas colheitas despiram dos frutos, a sua casaria a alvejar no fundo verde da luxuriante vegetação, que por toda a parte se desenvolve, como que entoando hinos à Natureza criadora. Assim se passou a estrada de Carriche e a Póvoa de Santo Adrião, até que, pouco tempo depois, chegávamos a Loures, onde aguardavam o Ministro o administrador do concelho, Sr. Raimundo Alves, acompanhado de várias pessoas de representação do lugar e dalgum povo.

Estralejam os foguetes, e o povo entusiasmado manifesta a sua simpatia para com a República na pessoa do seu estadista, que é aclamado com frenesi. Feitos os cumprimentos, a caravana retoma a marcha entre as saudações dos habitantes que, à passagem dos automóveis, assomavam às soleiras das portas e alegremente aplaudiam os recémvindos, na tocante singeleza das suas almas

rudes mas sinceras. Entretanto acelera-se o andamento dos carros, em vista da hora, e quási que vertiginosamente, como numa corrida fantástica para o Belo, atravessa-se a pitoresca localidade de Santo Antão.

Por toda a parte a mesma nota característica das aldeias portuguesas: as casas térreas, de paredes muito brancas, algumas cobertas de colmo, sem nenhuma condições higiênicas, mas onde, no entanto, aparecem freqüentes vezes os mais robustos exemplares da raça, com a sua guarda de patos e galinhas cacarejando e saltitando pela estrada, em procura dalguma semente que porventura o vento tenha trazido. A nosso lado, na estrada, parecendo escoltar-nos, passam num estravagante cortejo as lavadeiras, de volta da *cedade*, os leiteiros que recolhem às suas casas depois da venda diária em Lisboa, os vendedores de fruta, o típico pregoeiro da *maçã reineta* e dos *camoeses*, todos êles montados nos seus burricos que medrosamente vão guiando para o lado da estrada, fugindo aos ruidosos avisos das businas dos *autos*.

Relanceando o olhar pelos campos laterais deparam-se-nos as lavadeiras cantando à beira do rio que corre a seus pés; além os trabalhadores cuidam das sementeiras; êste, na pequena horta que lhe ladeia a casa, dispõe com carinho as plantas que hão-de ser o seu sustento e dos seus; enfim, por todos os lados a mesma apoteose deslumbrante do Trabalho, provando quanto é grande a tranquilidade e a fé de que todos se acham possuídos no ressurgimento da nossa que-

rida Pátria. A vista espraia-se em muda contemplação pelos penhascos alcantilados, pelas colinas verdejantes, e nós, a propósito, pensamos que pode haver no mundo outro pedaço de terra que se iguale em beleza, mas nada que sobreleve êste cantinho abençoado que se chama Portugal.

E, contudo, não é esta região, a dois passos da capital, quási que fazendo ainda parte dela, e que nos sugere as singelas e despreziosas impressões que vimos relatando, a mais bela e aquela da qual com mais justiça se pode falar; no norte, afirmam-nos que a grandeza dos panoramas é tam superior, que não admite, sequer, a mínima comparação, tendo pontos em que deixa a perder de vista as regiões estrangeiras mais afamadas como estâncias de turismo. E pensar que, havendo em Portugal tam magníficos dons com que a Natureza pródigamente nos dotou, que constituem outras tantas fontes de riqueza e o quinhão mais invejável do património que um passado de glórias nos legou, ainda existe quem, num gesto anti-patriótico, muito para censurar, os despreza, em busca por outros países daquilo que tem na sua própria Pátria, privando-a não só de reaver o dinheiro que aí vai despender, como criando uma má impressão no estrangeiro, que supõe, por os seus naturais o abandonarem, que Portugal não possui nenhuns requisitos que o tornem aproveitável para o turismo.

Aqueles que nos lerem, parecerá decerto singular que apenas um simples passeio *fora de portas* fôsse sobeja razão para que confessásse-

mos aqui a nossa maneira de ver ; todavia, que-  
remos afirmar, mesmo porque poder-se-ia supor  
que era a primeira vez que saíamos de Lisboa,  
que sempre comungámos nestas ideas, e se por  
acaso não foram expendidas, como, aliás, seria  
nosso desejo, foi sómente por não se oferecer en-  
sejo para o fazer ; porêem, apresenta-se-nos agora  
uma ocasião propícia e tanto basta para que a  
proveitemos. Feito êste devido reparo, prossig-  
amos na grata tarefa que nos impusemos.

Mais alguns minutos decorridos e eis que se  
observa qualquer cousa de anormal : é um mixto  
de alegria e curiosidade mal contidas que se nota  
nos rostos dos habitantes do lugar que vamos  
atravessando ; o rapazio saúda-nos com estrépito  
correndo ao lado dos *autos*, e a breve trecho,  
numa curva caprichosa da estrada, divisámos os  
pavilhões da nossa República e da aliada Ingla-  
terra, ao mesmo tempo que vinham até nós os  
acordes sonoros da *Portuguesa* tocada pela filar-  
mónica local. Êramos chegados ao termo da *via-  
gem*: a nosso lado tínhamos o enorme edificio  
onde a fábrica de Papel da Abelheira se encontra  
instalada, e no pátio principal achava-se já o  
ilustre Ministro do Interior, acompanhado dos  
Ex.<sup>mos</sup> Srs. director geral, inspector das oficinas,  
administrador do concelho, o gerente e alguns  
funcionários da fábrica que os haviam seguido  
até lá, esperando os retardatários.

\*  
\* \*

A Fábrica da Abelheira, propriedade da firma  
Guilherme Graham & C.<sup>a</sup>, que possui ainda

em diferentes partes do mundo alguns estabelecimentos fabris, não sómente desta indústria como de muitas outras completamente opostas, conta ao presente 250 operários de todas as categorias, espalhados pelas vastas oficinas que occupam os quatro corpos do edificio, encorporando-se nesse pessoal nove súbditos ingleses, collocados em diversas secções como engenheiros, chefes, mestres de oficinas e empregados nos escritórios.

Depois de os visitantes se haverem dividido em três turnos, o primeiro composto de S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro e dos funcionários já designados, aos quais se juntaram depois o chefe dos serviços tipográficos, Sr. Carlos de Carvalho; mestre e contramestre da Escola Tipográfica, respectivamente os Srs. Joaquim David Gomes e Miguel David Gomes; fiel do armazém dos impressos, Sr. Filipe José Fernandes; e o ajudante do fiel do armazém do papel, Sr. Augusto de Oliveira Alves; e os restantes por todos os aprendizes, começou a nossa digressão pelas oficinas, sendo a primeira visitada a do fabrico do papel.

Antes de principiarmos a descrever as várias máquinas, convém indicar, para mais perfeita comprehensão, as operações que se observam desde a escolha do trapo e da apara velha até a bobinagem do papel. O trapo, tal como o vemos enfardado pelos trapeiros, chega à fábrica e, depois de ser escolhido por côres e limpo convenientemente, é cortado em pedaços, num aparelho denominado *tritador*, e metido numas caldeiras, com a forma de esferas, aquecidas

por vapor de água, que se movem em tórno dum eixo, e onde, ao mesmo tempo que é lavado, sofre um rápido cozimento.

Separada a parte aproveitável dos resíduos, esta espécie de pasta, a que se junta depois apara de papel, resina, tinta da côr a que se destina o papel a fabricar e ainda alguns ingredientes, que neste momento não nos ocorrem, passa para uns outros *trituradores* em forma de tanques redondos, no interior dos quais gira uma mó, que a vai triturando, transformando-a numa massa grossa, sem consistência alguma. Seguidamente corre para outro tanque onde fica menos espessa e do qual é conduzida para um reservatório junto da máquina fabricadora.

A massa acumula-se sôbre a *teia*, uma larga faixa de tecido que se acha em movimento constante e por onde a água que traz se escoa, e que a transporta até dois cilindros de mármore, entre os quais a obriga a penetrar e é comprimida, não só para lhe tirar toda a água que ainda tenha como para a ligar bem; e passando por mais quatro cilindros de metal aquecidos por vapor de água acaba por secar, ficando reduzida a papel que se vai enrolar na bobina ao fundo da máquina. De cada lado da teia estão duas torneiras por onde a água sai em pequenos jorros, afastando a massa que vem em excesso dos lados e pondo a futura fôlha na largura precisa. Como a massa está entrando continuamente para a máquina, sucedia que o papel saído formaria uma fôlha interminável se fôsse possível dispor-se uma bobina enorme onde êle se enrolasse.

Na primeira oficina estão, pois, as duas máquinas de movimento contínuo ou de secar, como ouvimos designá-las, com as três ordens de cilindros destinados a apertar, espremer, enxugar e reduzir a fôlhas de diferentes grossuras a massa vinda dos trituradores ; quando aí entrámos procedia-se à fabricação de papel de cartuchos, composto de várias substâncias químicas, lona, resina, e à de cartonina, que, como a palavra indica, é um cartão branco bastante flexível.

Examinámos depois os trituradores e em seguida ingressámos na oficina de assetinagem, onde se acha uma calandra muito aperfeiçoada, única no género em Portugal, e as máquinas de cortar o papel bobinado. Uma destas máquinas corta o papel em duas partes, para o que dispõe de duas navalhas perpendiculares uma à outra colocadas no centro dela, de modo que o papel, à medida que se desenrola, é cortado em dois pedaços e estes ao meio da sua largura, vindo ter a uns taboleiros onde se vão acumulando.

Noutra casa encontra-se uma máquina de fabricar papel semelhante às mencionadas anteriormente, que assetina apenas dum lado, e que é usada especialmente para listar a côres o papel que fabrica. Mui superficialmente vimos a casa das permissões dos engenhos, sendo para esta dependência que vai a fôrça motriz, que depois se espalha por todas as oficinas. Como numa fábrica desta especialidade o elemento primacial despendido é a água, aproveitaram aqui a proximidade do rio Trancão, canalizando-a até as suas

instalações, perto das quais construíram os filtros destinados à sua purificação. Para aproveitamento desta água existem duas turbinas que reúnidas, nesta quadra do ano, representam o potencial de 40 cavalos.

Porque na estação calma acontece frequentemente o rio diminuir de volume, tem ainda a fábrica uma vasta lagoa de 1.100 pés de profundidade, suprimindo dêste modo as faltas que possa haver. A água que sai das máquinas é elevada até o reservatório por uma bomba que está próxima à casa das caldeiras, para ser novamente utilizada. A máquina geradora, que é magnífica, tem a fôrça de 350 a 450 cavalos, e conta apenas *quatro anos de casa*. Para se avaliar o seu movimento basta dizer que o volante dá aproximadamente 82 voltas por minuto.

Observámos depois os três enormes dínamos produtores da energia eléctrica, com o competente quadro de distribuição, etc. Numa das primeiras instalações visitadas está um esmerilador automático destinado a aplainar o papel chegado das máquinas de movimento contínuo, pondo as duas faces perfeitamente lisas. Ainda que rapidamente, passámos pelas oficinas de serralharia e carpintaria, sendo nesta última feitos os moldes das peças que vem a fabricar em Lisboa. Nada existe porém nelas que mereça referência.

Sempre atenciosamente guiados por Mr. Thomas King e pelo Sr. Avelino Baeta Dias, dignos escrivães do estabelecimento, e nossos dedicados guias, que durante a visita foram duma

amabilidade extrema, porfiando o primeiro destes cavalheiros, que na sua conversação revelou ser um grande amigo de Portugal, em dar-nos todas as informações ao alcance dos seus reduzidos conhecimentos da nossa língua, passámos às secções onde o trabalho é desempenhado pelo pessoal feminino: casa da escolha e corte do trapo, onde na ocasião se cortava linhagem de sacas velhas para o fabrico de cartão; e contagem e embalagem de resmas. Num compartimento contíguo estão duas máquinas empregadas na manufactura de sacos de papel, que, se bem que antiquadas são curiosíssimas. A sua produção é de 70 sacos por minuto.

Antes de penetrarmos nos armazéns, últimas dependências que vimos, foi-nos mostrada uma máquina de fazer serpentinas, que se achava cortando tiras de papel azul para as caixas de fósforos. O papel, desenrolando-se da bobina, passa por umas navalhas presas a um veio, sendo a distância dumas às outras a largura da tira a cortar. Esse veio, rodando velozmente, divide a folha de papel bobinado em tantas partes quantas forem as distâncias que as navalhas guardem entre si, sendo de novo bobinado na outra extremidade da máquina.

O armazém, onde se deposita todo o papel que a fábrica dispõe para venda, é um extenso casarão iluminado por grandes clarabóias e nele havia cerca de 1.000 toneladas do produto; e o armazém do papel-pasta comportava 400 toneladas importadas do estrangeiro, principalmente de Switen. Este papel é o mesmo que provém

dos trituradores, importando-se em vista do estrangeiro ser de qualidade superior e servindo para misturar com a massa aqui fabricada, a fim de melhorar as condições do papel.

Finalmente, fechando a visita às diversas oficinas, fomos ao gabinete onde se verifica se o papel está conforme a requisição feita e onde nos permitiram examinar os cilindros de arame, com diferentes figuras e dizeres, empregados para marcar o papel quando ainda em massa.

---

Terminada a sua agradável peregrinação, os aprendizes, com alguns dos funcionários que os acompanharam, reúniram, a convite de Mr. Thomas King, na sala do bilhar, onde lhes foi servido um delicado copo de água, brindando, então, em nome do referido cavalheiro, o Sr. Avelino Baeta Dias.

Quis o acaso que, por uma feliz coincidência, fôssemos nós os escolhidos para proferir duas palavras de agradecimento não só a Mr. King, como a Mr. Henry Dartfort, a todos, emfim, quantos nos tinham preparado tam carinhosa recepção; contudo, se S. Ex.<sup>as</sup> nos permitem, desejamos reiterar nesta humilde resenha da nossa memorável visita êsse agradecimento e mostrar o quanto nos sensibilizaram as inequívocas atenções que nos foram dispensadas durante a nossa estada na fábrica.

Que S. Ex.<sup>as</sup> nos relevem a pobreza e as deficiências que encontrem no nosso modesto relatório e que vejam nas palavras aqui exaradas,

longe dum mesquinho sentimento de lisonja, apenas a gratidão profunda que nos domina, pelas requintadas provas de deferência de que fomos alvo.

Após o copo de água foi-nos proporcionado um passeio à quinta, situada numa encosta sobranceira à fábrica, que é realmente linda e tam extensa que, quando íamos a meio do percurso e volvemos os olhos para o vale, a fábrica appareceu-nos como uns pequeninos pontos brancos perdidos entre o frondoso arvoredo.

O panorama que daí se disfruta é simplesmente soberbo. De lá voltámos com saùdade, às 17 horas, depois de percorrermos os jardins, o pomar, com as laranjeiras vergando ao pêso dos frutos, dando-nos a idea dum arraial minhoto com as árvores adornadas de tijelinhas, as hortas e terras de sementeira; e decerto perdurará por muito tempo, em todos nós, a recordação de tam interessante visita, não só pelo que gozámos, como também pelo grande ensinamento que colhemos.

Lisboa, 5 de Janeiro de 1914.

*Sentique Fernando de Oliveira Correia.*

---

Composto na máquina *Linotype*

## RELATÓRIOS JÁ PUBLICADOS

---

- I—*Visita à Casa da Moeda*, por Armando Vitorino Ribeiro, aprendiz da Escola Tipográfica.
- II—*Visita ao jornal «O Século»*, por Henrique Fernando de Oliveira Correia, aprendiz da Escola Tipográfica.
- III—*Visita à Biblioteca Nacional*, por Armando Vitorino Ribeiro, aprendiz da Escola Tipográfica.
- IV—*Visita ao Laboratório de química da Faculdade de Ciências de Lisboa*, por Henrique Fernando de Oliveira Correia, aprendiz da Escola Tipográfica.
- V—*Visita à Litografia Portugal*, por José Luís das Neves, aprendiz da Oficina Litográfica.
- VI—*Visita à Escola Afonso Domingues, Igreja da Mãe de Deus e Asilo Maria Pia*, por Armando Vitorino Ribeiro, aprendiz da Escola Tipográfica.
- VII—*Visita ao Jardim Zoológico*, por Vasco Gomes de Oliveira, aprendiz da Escola Tipográfica.



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO